

MIRIAN GUARACIABA

O pecado da mentira

Faltam três anos para as eleições e estamos tratando de possíveis candidatos à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Na história recente do país, as campanhas nunca começaram com tanta antecedência.

Disputas precoces costumam atrapalhar o governo em andamento, enfraquecer quem está no comando. Tiram um pouco do brilho e reduzem a margem de decisão de quem precisa negociar com políticos, empresários, trabalhadores, a sociedade.

Mas os fatos estão postos. E exatamente porque o governo não vai tão bem, e o presidente amarga índices baixíssimos de popularidade, é que a campanha começou tão cedo.

Vamos então olhar o lado positivo da história. A distância no tempo pode não ser ruim. Serão muitas as oportunidades para que os eleitores analisem propostas, idéias, palavras, comportamento, compromettimentos. Em tese, o eleitor terá menos chance de errar o voto em 2002.

Os interessados estão se posicionando, falando, propondo.

Ciro Gomes, ex-ministro, ex-governador, ex-prefeito, é o único candidato declarado. Visitou, este ano, 300 cidades, de norte a sul do Brasil. Tem batido nos mesmos pontos, apresentado programas de governo de forma consistente, fechada. “Estou conhecendo as pessoas e deixando que me conheçam”, diz.

Luiz Inácio Lula da Silva ainda não admite a candidatura. Em 1998 foi assim até lançar-se na disputa com Fernando Henrique Cardoso. A gente conhece seu ponto de vista e o projeto do PT para o país, mas nunca é demais ouvi-lo. As pessoas se reciclam, embora no PT o processo seja mais complicado.

Se Lula, por acaso, ficar fora da disputa — o que é difícil — há nomes bem definidos no partido capazes de concorrer à presidência. Cristovam Buarque e Tarso Genro, ex-prefeito de Porto Alegre, são os mais evidentes.

De Cristovam, nós de Brasília sabemos bastante. Convivemos com acertos e erros de sua administração. Mas transferir a experiência de Brasília para o Brasil não é tarefa simples. Por

isso, é bom que Cristovam fale, defenda seu ponto de vista. E ele tem feito isso.

Não como candidato declarado — nem o rigor partidário, nem a distância das eleições permitiriam isso — mas como político preocupado com os destinos do país, de suas crianças, trabalhadores, velhos e moços.

O governador Jaime Lerner também trabalha com descrição. Quer ser candidato pelo PFL, mas sabe que há disputa pesada no partido. Lerner disse ao **Correio Braziliense** que se sente preparado para a função e gostaria, como Cristovam, de estender para o Brasil os programas bem-sucedidos no Paraná.

Antonio Carlos Magalhães e Anthony Garotinho também deixam clara a pretensão de governar o país. Certamente outros virão. E nós não devemos ser meros expectadores. Com tempo para conhecê-los, ninguém poderá dizer que votou enganado. A não ser que nossos políticos, na virada do milênio, insistam em cometer o maior de seus pecados: o da enganação.